

Dr. Robert A. Peterson, A Teologia de Lucas-Atos, Sessão 7, Joel Green, Teologia do Propósito.

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensino sobre a Teologia de Lucas-Atos. Esta é a sessão 7, Joel Green, Teologia do Propósito.

Continuamos nossos estudos da teologia lucana e busquemos o Senhor.

Pai, nos curvamos diante de você, chegando até você em sua presença através de seu Filho, no poder do Espírito Santo, e pedimos sua ajuda. Trabalhe em nós e em nossas famílias, oramos, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Joel Green, ex-professor de Novo Testamento no Asbury Theological Seminary, agora é professor de teologia exegética ou algo parecido, exegese e teologia no Fuller Theological Seminary, na Califórnia. Ele fez um maravilhoso novo comentário internacional sobre o Evangelho de Lucas no Novo Testamento em 1997, e é sólido em sua exegese, mas mais notável por seu uso da sociologia e da retórica para nos ajudar a compreender a mensagem de Lucas, a mensagem do Evangelho de Lucas. Agora, não Atos, mas o Evangelho de Lucas.

“O ambiente social de Luke é algo sobre o qual ele fala de uma forma muito útil. Com a leitura da história do nascimento e da infância de Jesus, ganhamos entrada no mundo social de, na verdade, Lucas-Atos, sua compreensão da realidade, incluindo o papel do sobrenatural, suas instituições primárias e suas função, sua dinâmica social e assim por diante.

Podemos alertar-nos para alguns dos motivos que são proeminentes no mundo da narrativa do nascimento de Lucas. Desde o versículo inicial, fica evidente que Lucas está preocupado com o equilíbrio de poder. A narrativa que começa nos dias do Rei Herodes da Judéia, Lucas 1-5, é mais do que um vago marcador cronológico, mas localiza esses eventos num período particular de tensão política.

Herodes chegou ao poder apesar dos fortes sentimentos anti-idumeus, essa é a sua origem, a Iduméia, e a resistência dos anciãos judeus em Jerusalém. Ele era considerado meio judeu e não era respeitado dessa forma. Isto, juntamente com os problemas econômicos e culturais associados ao seu reinado, devem ser tidos em conta em qualquer leitura da língua, os dias do rei Herodes.

O mesmo pode ser dito do censo, mencionado repetidamente em Lucas 2:7. A prosperidade e a paz pelas quais o Império Romano é hoje conhecido foram produzidas através da conquista e da pilhagem iniciais e mantidas através da tributação subsequente dos povos conquistados. A nomeação explícita de César

Augusto em 2:1 também é interessante e refere-se a Otaviano, reconhecido na antiguidade como, entre aspas, o divino salvador, pequeno, que trouxe a paz ao mundo. ”

“Que neste mesmo contexto Jesus seja apresentado como salvador, Senhor, aquele através de quem a paz chega ao mundo, dificilmente pode ser acidental. Lucas 2:11 e 2:14. Além disso, o anjo que visita Zacarias e Maria, Gabriel, é conhecido em outros lugares como aquele que destrói os ímpios, especialmente nos escritos não-bíblicos de 1 Enoque 9, 10 e 54 e versículo 6. O filho de Maria, dizem-lhe, terá um reino eterno, o trono de Davi.

O cântico de Maria retrata os poderosos atos de salvação de Deus como uma reversão sócio-política, com os poderosos derrubados dos seus tronos e os humildes elevados. O cântico de Zacarias emprega imagens de êxodo enquanto profetiza como, entre aspas, seríamos salvos de nossos inimigos.” 171.

Simeão e Ana, nos seus respectivos papéis, esperam a consolação de Israel e a redenção de Jerusalém, devem também ter em mente a cessação da ocupação e sujeição estrangeira, a renovação de Israel como uma nação sob Yahweh e não sob César. Relembrando que a antecipação escatológica nas suas inúmeras formas, focada predominantemente na vinda de Deus para governar em paz e justiça, destaca como Lucas 1:5 a 2:52 também deve ser lido num contexto sócio-político. Isto é verdade na medida em que a vinda antecipada de Deus poria fim ao domínio político e à opressão social.

Além disso, a visitação escatológica de Deus observada em Lucas 1:68 e 2:38 significa o aparecimento da ajuda e libertação divinas. Finalmente, Maria, Zacarias, Simeão e Ana expressam, cada um, uma expectativa da libertação de Deus no fim dos tempos. Desta forma, a narrativa do nascimento é potente com antecipação escatológica e antecipação com ramificações claras para a cessação da subjugação de Israel aos seus senhores herodianos e romanos.

O ambiente social ao qual somos apresentados em Lucas 1:5 a 2:52 é aquele em que as questões de status social e estratificação social são fundamentais. Isto não quer dizer que Lucas esteja especialmente preocupado com a classe económica, por exemplo, como uma função do rendimento relativo ou do nível de vida de alguém ou como relacionada com a relação de alguém com os temas da produção, os meios de produção, como no marxismo. Tais questões da sociedade pós-industrial têm pouco significado na antiguidade greco-romana.

Pelo contrário, o mundo social de Lucas foi definido em torno do poder e do privilégio e é medido por um complexo de fenómenos: pureza religiosa, herança familiar, propriedade de terras para não-sacerdotes, vocação, etnia, género,

educação e idade. Todas essas coisas influenciam um continuum de poder e privilégio. O governante detém mais poder e tem mais privilégios.

Sob ele, a classe governante participa, não no mesmo grau, mas significativamente, no poder e nos privilégios. E a partir daí, chega aos sacerdotes que detêm poder e privilégios significativos sobre o povo. Da mesma forma, os comerciantes podem ficar ricos.

Os camponeses são um grupo grande e dependem basicamente dos reinados da Palestina para a sua sobrevivência. Os artesãos não são muito melhores que os camponeses, aqueles que ganham a vida dessa forma. Mas toda esta sociologia do poder e do privilégio é notável pelos seus degraus inferiores.

Os que estão no final da lista são os impuros, os leprosos, por exemplo, os degradados. Pense no homem pobre, Lázaro, do lado de fora da casa do homem rico. Eu sei que é uma parábola, mas Jesus está se referindo às circunstâncias de vida que existem.

Implorando para comer alguma coisa que caiu, um pão que caiu da mesa do rico. Provavelmente uma referência a pedaços de pão usados como guardanapos e depois jogados no chão para os cachorros. O faminto e doente Lázaro adoraria ter um pouco disso, mas nem sequer foi pensado nisso.

Então, governante, classe governante, abaixo disso, estão os sacerdotes e comerciantes, os artesãos e os camponeses cobrindo uma grande faixa no meio deste gráfico de poder e privilégios, por assim dizer. O fundo, o fundo, impuro e degradado, e o fundo são os dispensáveis com quem ninguém se importa. Se eles morrerem, é só isso. Estamos melhor sem eles. Eles são dispensáveis.

Agora, o que é notável é que Jesus ministra às pessoas ao longo de todo este continuum de poder e prestígio, como veremos. Quero compartilhar o ensinamento de Joel Greene sobre o propósito e a teologia do Evangelho de Lucas. Em 1995, ele escreveu um livro, *A Teologia do Evangelho de Lucas*, e aqui ele se baseia nisso.

A teologia de Lucas, é claro, é teologia narrativa. Ele conta a história de Jesus. Ele se preocupa com a história, e sua história é precisa, mas sua história é uma história teológica, projetada para deixar claro um ponto, projetada para apresentar uma pessoa e seu interesse e sua missão e seus objetivos e propósito na vida.

A unidade narrativa do Evangelho de Lucas e Atos destaca a centralidade do propósito de Deus de trazer salvação a todos, e aqui temos novamente o tipo de coisas sobre as quais acabamos de falar antes com a sociologia. Os ricos, os pobres, os de diferentes raças, de diferentes etnias, de diferentes estratos sociais de vida. No mundo conflituoso do Mediterrâneo do primeiro século, e sobretudo no mundo

judaico mais amplo, não é difícil ver como esta compreensão do propósito de Deus e a sua incorporação no movimento cristão teria sido fonte de controvérsia e incerteza.

Neste contexto, vemos que o propósito de Lucas-Atos teria sido fortalecer o movimento cristão face à oposição, assegurando-lhes a sua interpretação e experiência do propósito redentor e da fidelidade de Deus, número um e dois, ao chamando-os à fidelidade contínua e ao testemunho do projeto salvífico de Deus, bem como o ensino de Darrell Bock. A finalidade de Lucas-Atos seria então primordialmente eclesiológica, preocupada com as práticas que definem e com os critérios de legitimação da comunidade do povo de Deus e centrada no convite à participação no projeto de Deus. Nossa compreensão do objetivo de Lucas-Atos deve levar em conta suas ênfases teológicas primárias.

Estudos recentes identificaram repetidamente a salvação como o tema principal de Lucas-Atos. Darrell Bock concorda. Howard Marshall concorda.

Sendo este tema da salvação entendido como aquele que unifica outros elementos textuais dentro da narrativa. A fim de dar sentido ao tema da salvação e mostrar até que ponto ele está integrado no propósito geral de fortalecer a igreja, delineamos agora algumas das principais preocupações teológicas de Lucas. Num grau não totalmente apreciado em muitos estudos anteriores do terceiro evangelho, a narrativa de Lucas é teológica em substância e foco.

Ou seja, está centrado no próprio Deus. Isso não quer dizer que Deus frequentemente apareça como um personagem na narrativa. Manifestamente, este não é o caso.

Pelo contrário, é afirmar que o desígnio que orienta a progressão da narrativa, o propósito a ser servido ou combatido, é o propósito de Deus, o desígnio de Deus. Se a salvação é o tema central de Lucas, então não é por acaso que, numa das primeiras referências a Deus no Evangelho, Maria se dirige a ele como Deus, meu Salvador, no seu Magnificat, Lucas 1-47. Ela louva a Deus, meu Salvador.

Especialmente na seção central do evangelho, preocupada com a viagem sinuosa da Galiléia a Jerusalém, Jesus tenta reconstruir a visão de Deus sustentada por seus seguidores, a fim de que eles possam reconhecer Deus como seu Pai, cujo desejo é abraçá-los com seu beneficência graciosa. Lucas 1:13. Lucas 12:32. Desculpe, Lucas 11:13. Lucas 12:32. Lucas 11:13 é uma oração do Pai Nosso.

Pai, santificado seja o seu nome, venha o seu reino. O pão nosso de cada dia dá-nos todos os dias e perdoa-nos os nossos pecados, assim como nós mesmos perdoamos a todos os que nos devem e não nos deixes cair em tentação. Se você então, depois que ele conta uma pequena parábola, Lucas 11:13, se você, então, que é mau, sabe

como dar boas dádivas aos seus filhos, quanto mais o Pai Celestial dará o Espírito Santo àqueles que lhe pedirem? Lucas 12:32.

Não temas, pequeno rebanho, pois é do agrado de seu Pai dar-lhe o reino. O propósito ou perspectiva divina às vezes atua diretamente na narrativa. Por exemplo, quando Deus fala com Jesus no seu batismo.

Este é meu filho amado, com quem estou muito satisfeito. Mais típico, porém, é o modo como o propósito divino é disponibilizado e interpretado com referência às escrituras por meio de mensageiros celestiais através de uma constelação de termos que expressam o desígnio de Deus. Por exemplo, propósito.

É necessário determinar e assim por diante. E através de instâncias de coreografia divina de eventos. Por trás da realização do plano divino está o Espírito Santo, o poder que põe em prática a vontade de Deus.

A ênfase de Lucas no propósito divino serve os seus interesses eclesiológicos e hermenêuticos à medida que a comunidade cristã luta com a sua própria identidade, sobretudo contra aqueles que também lêem as Escrituras, mas que recusam a fé em Cristo. A coerência entre a antiga agenda de Deus e o ministério de Jesus torna-se crucial.

Na verdade, a luta de Jesus com a liderança judaica e com as instituições judaicas é essencialmente hermenêutica. Quem entende o propósito de Deus? Quem interpreta as escrituras corretamente? Ou, para ser mais claro, qual interpretação tem um imprimatur divino? De quem recebe legitimação divina? Para Lucas, a resposta é simples. O advento de Jesus está profundamente enraizado na antiga aliança e a sua missão é totalmente congruente com a intenção de Deus.

Isto é demonstrado sobretudo pelo padrão bíblico de sua vida e pela vindicação divina pronunciada sobre ele em sua ressurreição e ascensão. Deus pode controlar a agenda da história de acordo com Lucas, mas o personagem principal do primeiro volume de Deus é, claro, Jesus. Comparado com os personagens da narrativa, o próprio público de Lucas é afortunado pela sua capacidade, desde o início, de perceber a identidade e o papel de Jesus no plano redentor de Deus.

Jesus é retratado como um profeta, mas como mais do que um profeta. É o tão esperado Messias davídico, filho de Deus, que cumpre na sua carreira o destino de um profeta régio, de um profeta real, para quem a morte, embora necessária, dificilmente é a última palavra. Para os discípulos de Jesus, a luta não é tanto discernir quem é Jesus, mas como ele pode cumprir o seu papel.

Suas próprias visões do mundo permanecem convencionais durante a maior parte do evangelho. Assim, embora quase até ao fim do evangelho, falta-lhes a capacidade de

correlacionar o elevado estatuto de Jesus como Messias de Deus com a perspectiva e a experiência do seu sofrimento hediondo. No início, Jesus é identificado como Salvador, 2:11. O anjo diz aos pastores: eis que hoje na cidade de Davi nasceu para vocês um Salvador, Cristo Senhor.

Este é o papel que ele cumpre de diversas maneiras. Entre os mais visíveis estão os seus milagres de cura e a natureza expansiva da sua comunhão à mesa. O terceiro evangelista destaca ambos, para quem tais práticas incorporam a verdade do reino de Deus que está se rompendo.

Nas interações de Jesus com as pessoas à mesa e no seu ministério de cura, ele comunica a presença da salvação divina para aqueles cuja posição na sociedade em geral é geralmente marginal. Ou seja, esta é uma boa notícia para os pobres, 4, capítulo 4, 18 e 19. Isto é muito importante onde Jesus cita Isaías 61, Lucas 4:16.

Ele veio para Nazaré, onde foi criado. E como era seu costume, ele foi à sinagoga no dia de sábado e levantou-se para ler. E foi-lhe dado o rolo do profeta Isaías.

Ele desenrolou o pergaminho e encontrou o lugar onde estava escrito. O espírito do Senhor está sobre mim porque ele me ungiu para proclamar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos cativos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos, para proclamar o ano da graça do Senhor.

Ele enrolou o pergaminho, devolveu-o ao atendente e sentou-se. E os olhos de toda a sinagoga estavam fixos nele. E começou a dizer-lhes: hoje, esta Escritura se cumpriu aos vossos ouvidos.

Uau. Eles nunca ouviram ninguém dizer isso antes. Falsos messias poderiam dizer isso, mas não estamos falando deles.

Uau. Tais comportamentos são correspondidos pelas palavras de Jesus. Ele não se levanta simplesmente e diz que vai levar boas notícias aos pobres.

Ele faz isso. E os ensinamentos de Jesus ocupam seções importantes do terceiro evangelho, especialmente na seção intermediária do evangelho dedicada à sua viagem a Jerusalém. O que muitas vezes chama a atenção na sua instrução é a sua orientação, não para um comportamento adequado simplesmente em si, mas para uma visão reconstruída de Deus e para o tipo de ordem mundial que possa reflectir esta visão de Deus.

Em outras palavras, Jesus, como filho de Deus, é o representante de Deus, cuja vida é caracterizada pela obediência a Deus e que interpreta para os outros, se eles apenas ouvirem, a natureza e o plano de Deus e os contornos da resposta apropriada a Deus. Para Lucas, então, o chamado ao discipulado é fundamentalmente um convite

para que as pessoas se alinhem com Jesus e, portanto, com Deus. Isto significa que, para ser membro do povo de Deus, o foco é removido das questões de estatuto herdado, e é atribuído um prémio às pessoas cujos comportamentos manifestam a sua aceitação absoluta do Deus gracioso.

Os filhos genuínos de Abraão são aqueles que incorporam nas suas vidas a beneficência de Deus e que expressam misericórdia generosa para com os outros, especialmente para com os necessitados. Jesus apela assim às pessoas para viverem como ele vive, em contradição com a forma de vida agonística e competitiva marcada por noções convencionais de honra e estatuto típicas do mundo romano mais vasto. Os comportamentos que resultam do serviço no reino de Deus tomam um rumo diferente.

Ame seus inimigos, faça o bem àqueles que o odeiam, ofereça hospitalidade àqueles que não podem retribuir e dê sem expectativa de retorno. Tais práticas só são possíveis para aqueles cujas disposições, convicções e compromissos foram remodelados por encontros transformadores com a bondade de Deus. Dentro do terceiro evangelho, o principal concorrente para este foco decorre do dinheiro, não tanto do dinheiro em si, mas do domínio do dinheiro que se manifesta no impulso para o elogio social e, portanto, em formas de vida destinadas a manter aqueles com poder e privilégios segregados daqueles de baixo status, os menos favorecidos, os perdidos e os deixados de fora.

Green mencionou algumas ideias realmente importantes aqui, e quero fazer uma breve excursão retomando suas ideias de poder e status e essa forma de vida competitiva. O nome que é mais notável hoje em todo este aspecto é John Barclay, que transformou a nossa compreensão da graça de Deus no seu contexto greco-romano do primeiro século. Basicamente, não havia graça de Deus no contexto greco-romano.

Não estou negando que o povo de Deus compreendeu a graça de Deus. Estou negando que a perspectiva greco-romana sobre a vida e a cosmovisão tivesse qualquer noção da graça de Deus. Toda a estrutura social era uma teia de relações envolvendo patronos, aqueles com mais poder do que prestígio do que os seus clientes.

As relações patrono-cliente, numa complicada teia de vida, estruturaram-se em toda a sociedade greco-romana. Os clientes não deram livremente. Eles deram e ajudaram outros, mas com grande obrigação, entenderam a demanda, e essa é a palavra certa. Esperava-se que o cliente fosse fiel ao patrono e lhe retribuísse, não especialmente com um retorno sobre o investimento, mas de outras maneiras contribuindo para a glória e honra do patrono e desejos e planos e propósitos.

Por exemplo, por sua vez, os clientes receberam benefícios, mas, mais uma vez, não sem compromissos. Havia cordas por toda parte. As obrigações recíprocas dominavam toda a sociedade e, portanto, quando Jesus disse coisas como amai os vossos inimigos e fazei o bem aos que vos odeiam, ou se nas suas parábolas ele disse convidai os pobres para a festa, isso é tão incrivelmente contracultural que podemos quase nem expressá-lo.

Estenda a hospitalidade àqueles que não podem retribuir. Isso é fundamentalmente herético, se posso usar esse termo dentro da visão de mundo deles. Barclay mostra que não existe dar sem obrigação.

Todo presente não é um presente gratuito . É um presente que exige obrigação de participação por parte de quem recebe, e por sua vez, os clientes podem ser patronos de outros clientes, e assim segue em uma complicada teia de relacionamentos. No meio disso, Jesus vem e não ministra apenas aos humildes, mas seja ele o alto, o médio ou o humilde, ele dá gratuitamente e ensina que dá da maneira que Deus dá. Ele dá o caminho que aquele que ele chama de seu Pai dá, e isso é tão revolucionário no mundo greco-romano do primeiro século que deve ser notado e é simplesmente maravilhoso que mesmo a palavra graça seja sempre usada ou não. , o conceito da graça de Deus permeia a pessoa, o caráter e o ministério de Jesus .

Ah, não estou negando que ele era santo e justo e exibia outras qualidades, mas se a salvação é o propósito principal do evangelho de Lucas e a propagação dessa salvação é o propósito principal do livro de Atos, a graça de Deus é primordial. é difundido, e não é apenas a mensagem pregada externamente para pessoas não salvas de todas as camadas sociais e em todas as situações da vida e de ambos os sexos e assim por diante, mas é também o que deve lubrificar as relações dentro do novo povo de Deus, a comunidade da nova aliança do povo de Deus. O trabalho de John Barclay Não recomendo tudo o que ele escreveu ou todas as suas conclusões. Estou simplesmente dizendo que ele despertou grande interesse em descobrir quão única é a graça de Deus em Jesus Cristo naquele mundo romano greco-romano. Os discípulos de Jesus não são inteiramente bem-sucedidos em retornar ao comentário erudito e evangélico de Joel Greene sobre o evangelho de Lucas, desculpe-me, por favor, volte ao comentário de Darrell Boxk .

Os discípulos de Jesus não são inteiramente bem-sucedidos em incorporar uma fidelidade desta natureza e magnitude. Como eles poderiam ser? Isto torna ainda mais impressionante o testemunho de Lucas sobre outros quase ninguém na narrativa que manifestam uma visão inesperada do propósito de Deus e respondem à mensagem de Jesus de maneira exemplar. O que ele está dizendo é que os discípulos nem sempre entendem a mensagem, e por isso Lucas traz outros que Greene os chama de ninguém que faz um trabalho melhor do que os discípulos em certos pontos da narrativa.

Uma mulher pecadora da cidade capítulo 7 versículos 36 a 50 uma passagem que tratarei em minha própria palestra sobre a igreja que deverá estar em nossa próxima sessão. Um rico cobrador de pedágio, Zaqueu. Um criminoso crucificado, o ladrão arrependido, para mencionar três.

Essas pessoas não são ninguém. O ataque desses fariseus não conseguia acreditar que Jesus estava deixando aquela mulher imoral e inútil em sua mente tocá-lo. Ah, é nojento.

Se ele fosse profeta, não deixaria isso acontecer, e Zaqueu era desprezado. Ele não era apenas um cobrador de impostos, mas também um chefe dos cobradores de impostos. Não sabemos exatamente o que isso significa, mas ele provavelmente era pior que os outros e era tão rico que, quando a mensagem do reino atingiu seu coração, ele deu mais do que a lei exigia, movido por um espírito de gratidão e um espírito de gratidão. de graça a Deus e àqueles a quem ele enganou no passado e ao criminoso moribundo na cruz.

Portanto, Lucas tem senso de humor, poderíamos dizer certamente um senso irônico ao mostrar inesperadamente, à medida que os discípulos lutam, às vezes esses ninguém fazem um trabalho melhor do que eles na compreensão dos propósitos e caminhos de Deus. Por sua vez, os discípulos descobrem que seguir Jesus é principalmente estar com Jesus, aprender com ele e tornar-se socializados novamente de acordo com a nova ordem mundial que seu ministério serve, propaga e antecipa, tudo em preparação para o seu papel como testemunhas no atos dos apóstolos. Se os discípulos lutam para abraçar a fidelidade tal como esta é definida e modelada por Jesus, outros lutam pelo oposto.

Aqueles que são hostis a Jesus calculam a agenda divina segundo linhas bastante diferentes e vêem o seu ministério como uma ameaça às suas próprias posições de liderança e às instituições que perpetuam a actual ordem das coisas. Em suma, eles veem Jesus como alguém que se opõe ao próprio Deus. Deus como eles entendem que Deus é, é claro, e, portanto, alguém a ser resistido a todo custo.

O próprio diabo opõe-se a um objectivo divino e, da perspectiva lucana, os objectivos do diabo são servidos tanto por forças diabólicas que oprimem as pessoas como por outros, incluindo a liderança judaica em Jerusalém, que se opõem a Deus. O rio da hostilidade fica cada vez mais largo, finalmente transbordando com a paixão de Jesus, resultando em sua rejeição final, crucificação e morte. O tema da hostilidade impulsiona a narrativa de Lucas com um suspense elevado, mas também é empregado para mostrar de que maneiras icônicas o propósito de Deus pode se concretizar, virando a oposição contra seus próprios fins, a fim de cumprir o plano divino.

Ao longo da narrativa de Lukan, ela concentra a atenção em um tema de coordenação difundido, como Bach nos mostrou, como Howard Marshall faria se tivéssemos tempo de olhar para seu, ah, Lucas, historiador e teólogo e como Bach enfatiza agora o tema de coordenação difundido, a salvação. A salvação não é apenas uma teoria nem apenas um futuro, mas abrange a vida no presente, restaurando a integridade da vida humana, revitalizando as comunidades humanas, colocando o cosmos em ordem e comissionando a comunidade do povo de Deus a colocar em prática a graça de Deus entre si e em direção a círculos cada vez mais amplos de outros. O terceiro evangelista nada sabe sobre dicotomias como aquelas que às vezes são traçadas entre o social e o espiritual ou o individual e o comunitário.

A salvação abrange a totalidade da vida corporificada, incluindo as suas preocupações sociais, económicas e políticas. Para Lucas, o Deus de Israel é o grande benfeitor cujo propósito redentor se manifesta na carreira de Jesus, cuja mensagem é que esse benefício possibilita e inspira novas formas de viver no mundo. Na nossa próxima palestra compartilharei alguns dos meus próprios estudos sobre o povo de Deus, a igreja no evangelho de Lucas.

Este é o Dr. Robert A. Peterson em seu ensino sobre a teologia de Lucas Atos. Esta é a sessão número sete, Joel Green, Teologia do Propósito.